

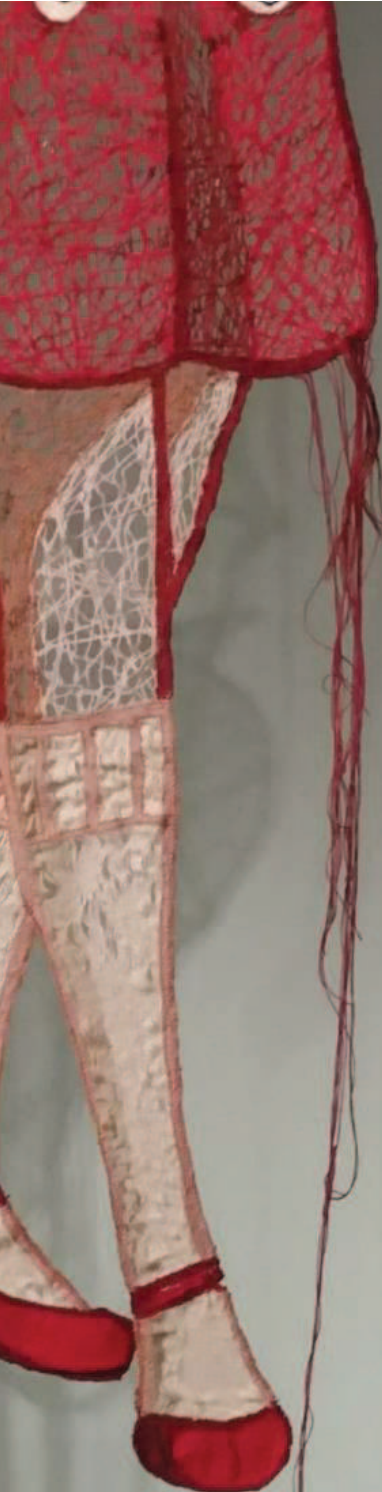


XIII – O ceifador: A carta A Morte é normalmente muito receada. E por vezes, até interpretada literalmente pelos menos informados. No entanto esta carta é bastante positiva, pois embora agoire o fim de algo também prevê o início de um ciclo novo, uma nova mudança que trará energias positivas e benéficas. Quando esta carta é lançada, se ja qual for a posição, é sempre indicativa de mudança. Se ja esta passada e que já se tenha dado, presente e que se esteja a dar actualmente ou que exista essa necessidade, ou futura e que ainda irá acontecer. .



Escrever é um combate dizia minha orientadora.

26



Corpo dormente so sente a dor
Dor da dormencia

Corpo acorda
A mão estrelaça ao pé O pé entralça a mão
O calor passa a fervilhar o corpo
Parece uma onda que vai até a nuca
Corpo ao movimento do despertar

Varre aqui Varre ali
Limpa aqui Limpa ali

Tira tudo o que no corpo não cabe

Respire, outra vez, respire com o nariz, ande, desperte
Me dizia ela , a professora com vontade a nos impulsinonar

Cranio para teto Girei girei Os pes daçaram
Não sentia leveza ao corpo desde do dia que o empurraram
daquelas escadas
Escadas que dividiram passos e escolhas
Partiram nervos e sonhos

Foi leve, o corpo despertou,

Leve voa,
Leve movimenta o ar fluidamente, ao ritmo

Roda Gira, baixo Alto Chão

O corpo sabe para onde tem que ir
Reconhece o movimento e dança.

O corpo acordou.

Coexistir

Narrativas ficcionais

Poéticas

Discursos

Ré em clave de fá

Dó que me faz dançar

Seu vibrar são os passos que
o corpo segue

Pausa mínima

Breve

Pausa mínima

Breve

Pausa de breve

O pó de breu com a corda faz
o som girar

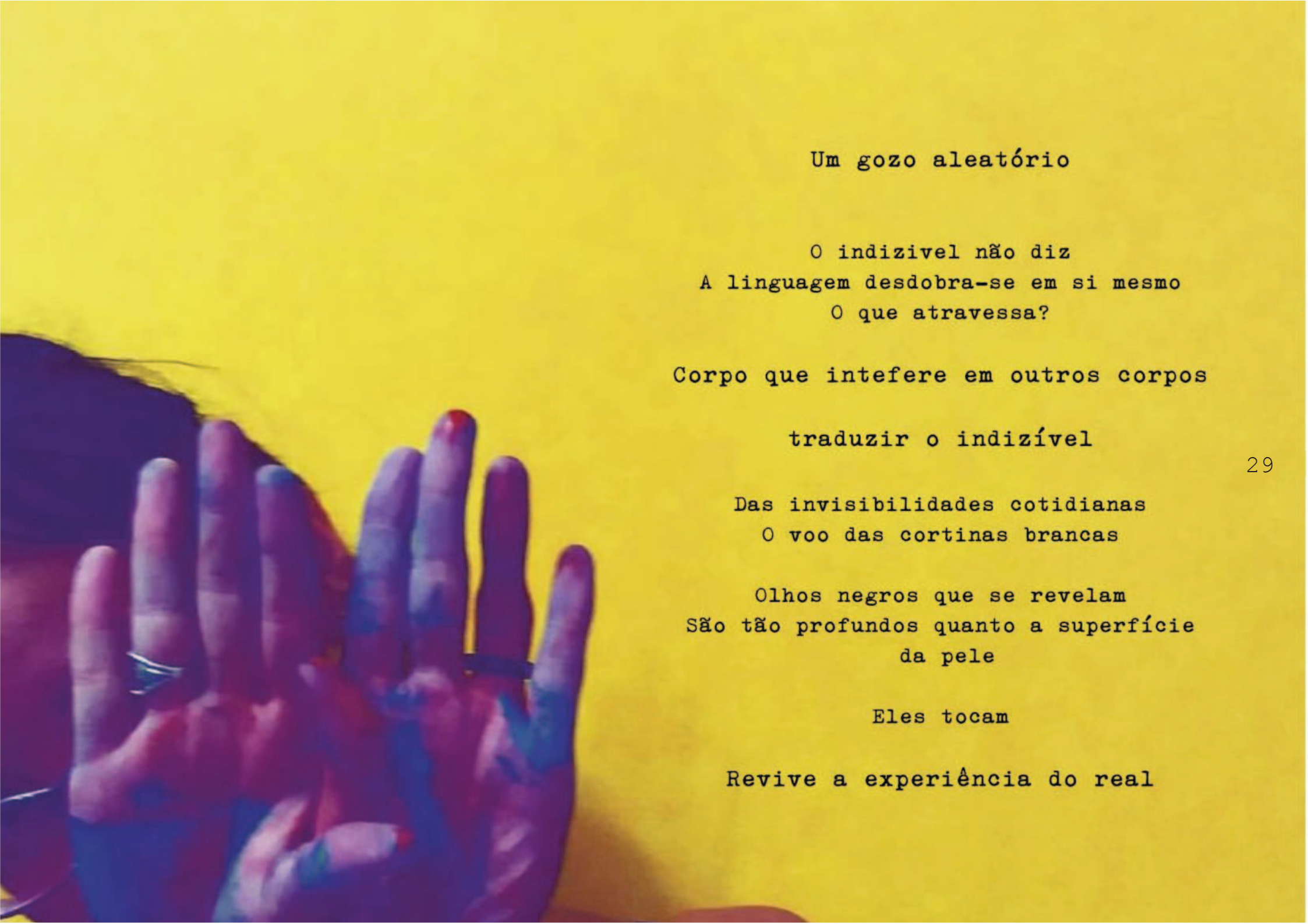
E gira e gira

Ruptura

A verdade é um discurso

A ilusão da verdade permanece no mundo.

O mundo permanece na ilusão da verdade.



Um gozo aleatório

O indizível não diz
A linguagem desdobra-se em si mesmo
O que atravessa?

Corpo que interfere em outros corpos

traduzir o indizível

29

Das invisibilidades cotidianas
O voo das cortinas brancas

Olhos negros que se revelam
São tão profundos quanto a superfície
da pele

Eles tocam

Revive a experiência do real



O vento sopra pelo seu timbre
Entre notas e outras
Corpo dança pela imaginação
Procurando um porque e o que
Cello foi o impulso
é preciso tocar
Sentir
Encher esse vazio...
Vazio?
O grave provoca
O agudo irrita
Este corpo
corpo indefinido em clave de fá
O breu faz com o que a crina de cavalo
arranque um som estonteante de suas cordas
É sublime
É um orgasmo múltiplo
É fervor
É mar
É mergulho.

O som volta traduzido em bumbo.

Monty Alexander com seu jam blues misturado
com o bater de folhas lá fora.
Ainda é verão
Com cores de inverno.
Adoro sofás brancos com mantas coloridas e a
mesinha de centro amarrotada de catálogos de arte
A piscina e o sol lá fora, ainda que o relógio de
pêndulo esteja em pausa eterno em 13:57 Ou 1:57
Até mesmo o relógio está certo duas vezes ao dia.
O sol aparece entre um espaço de nuvens e outro.
Sinto estar na minha casa daqui uns anos.
Entrei na minha projeção que ainda não tinha
mobiliário.
São fotografias pinturas
Gravuras e pratarias a muito tempo sem polir
Cheiro de memória não vivida
Carregada por desejos ainda presos.
O chá era doce e amargo. Vermelho carmim, os
mesmos da cor das minha unhas e de meu batom.
Meu útero também está vermelho carmim
Pausado por um absorvente interno mas em sua
incontrolável fúria teima em não ficar como
figurante.
Escuto os cliques da câmera e os passarinhos
dançando.

Minhas mãos estão suadas.
Ansiosa pelo despir-Se
O da roupa aqui não importa. Despir de meus
segredos
De minha dor
Dos silêncios que ainda retratem o corpo
A alma e qualquer atitude que o desejo tenta
fazer
Fecho os olhos
Doi as pálpebras no piscar
Estou exausta. Obrigações domésticas somadas com
responsabilidades profissionais.
Até poderia ficar quietinha na boa cama.
Mas este corpo quer movimentar-se
Quer renascer.
Estou aqui. Pronta para tirar a camada e jogar ao
espaço
Não me pertence mais.
Só vou saber depois. Depois.
Já não espero nada. Não programei nada.
Vim na cara e na coragem sem expectativas. Sem
saber o que vou ou que quero fazer.
Estou deitada no sofá.
Vou dormir um pouco.





Mulher.
Para gerar vida é preciso abrir as
pernas
Para nascer um novo ser é preciso
abrir as pernas
Da mesma forma que para saber se
estou bem preciso abrir as pernas
É colocado um um metal gelado que vai
me abrir
Enrigeado coletar e raspar partes de
mim.
Sangro.
Arde
Tenho cólicas
Me tocam, me apertam.
Sou exposta.
Estou exposta.
Estou bem.
Saudavel.
Fecho as pernas.
A dor continua.
O sangue corre e escorre.
O espelhinho me oportunizou me ver.
Aberta.
Conheço meu próprio útero.
A dor não vai embora

Os arquivos são os extratos*

BLANCHOT, Maurice. A parte do fogo; Trad. Ana Maria Scherer - Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
_____. A conversa infinita 3: a ausência de livro, o neutro, o fragmentário. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010.
CESAR, Ana Cristina. Poética. São Paulo: Companhia da Letras, 2013.
DELEUZE, Gilles. Crítica e Clínica; Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
LEVY, Tatiana Salem. A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
PELBART, Peter Pál. Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

35

Andressa Argenta

Disciplina

Filosofia, Arte e Ensino

Professora Elaine Schmidlin

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Universidade do Estado de Santa Catarina

2017